



## PEDAGOGIA WALDORF: UMA AVALIAÇÃO QUALITATIVA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

**Mônica Regina Lima de Oliveira**

Universidade Federal do Ceará – monikregina@gmail.com

**Nara Sena Andrade**

Universidade Federal do Ceará – nara.sena@yahoo.com.br

**Silvia Helena Vieira Cruz**

Universidade Federal do Ceará – silviavc@uol.com.br

### Introdução

A insatisfação em relação às propostas pedagógicas em curso na maioria das escolas que conhecemos, levou-nos a buscar conhecer propostas alternativas em que estivesse presente um maior interesse pelo aluno enquanto ser humano e houvesse um maior empenho na formação integral da criança.

No contato preliminar com a Pedagogia Waldorf, através de uma disciplina do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFC, percebemos que esta proposta educacional tem características que atendem ao nosso interesse. Assim, procuramos conhecê-la melhor e, neste trabalho, trazemos uma síntese das informações a que tivemos acesso, enfocando, especialmente, o processo de avaliação característico dessa proposta.

O trabalho de coleta de dados foi realizado principalmente através de pesquisa bibliográfica, mas também contou com as informações obtidas através de uma entrevista com uma professora da Escola Micael. Esta escola localiza-se em Fortaleza, sendo uma das poucas escolas brasileiras que seguem rigorosamente a Pedagogia Waldorf. A entrevista focou vários aspectos desta proposta, proporcionando um maior entendimento tanto dos pressupostos teóricos como da prática pedagógica que vem sendo desenvolvida.

A Pedagogia Waldorf tem como fundador Rudolf Steiner, nascido em 1861, na cidade de Kraljevic (atual Croácia). Ele dedicou sua vida a estudos sobre temas políticos e sociais, resultando em pesquisas que pretendiam responder às necessidades do homem como uma unidade harmônica físico-anímico-espiritual. Nesse sentido, um dos princípios ora desenvolvidos foi o da “Trimembração do Organismo Social”, que estabelecia a liberdade, a igualdade e a fraternidade: liberdade na expressão do pensamento, igualdade nas relações sociais e fraternidade nas relações econômicas. Tais princípios, posteriormente, serviram de base para a organização das escolas Waldorf.

Emil Molt, um grande colaborador do Movimento pela Trimembração do Organismo Social e diretor da fábrica de cigarros Waldorf-Astória, convidou Steiner para ministrar palestras sobre temas sociais e educativos para seus operários, resultando no desejo destes de ter uma escola mais humana para os seus filhos. Steiner iniciou, então, estudos sobre pedagogia, didática e metodologia de ensino seguindo concepções sócio-antropológicas baseadas na Antroposofia. Surgiu, assim, a proposta pedagógica das escolas Waldorf.

A Antroposofia é uma ciência espiritual que

parte da hipótese de que o ser humano não está determinado exclusivamente pela herança e pelo ambiente, mas também pela resposta que do seu interior é capaz de realizar, em forma única e pessoal, a respeito das impressões que recebe. Considera que o homem, ao nascer, é portador de um potencial de predisposições e capacidades que, ao longo de sua vida, lutam por desenvolver-se. (MIZOGUCHI, 2006: 70)

Desta maneira, os conteúdos são abordados de acordo com a fase evolutiva em que se encontra a criança, num pro-



grama que abrange o desenvolvimento global sem desprezar as características individuais. É também objetivo deste programa ajudar a criança a entender e buscar uma realização completa de suas capacidades, despertando a criatividade, o respeito e a consciência dos deveres para com o outro e para com a sociedade. Como afirma Matos (2002: 119),

o ensino ministrado visa pois, em primeiro lugar, a “formação” da criança e não apenas a “informação”. (...) O fator “informação” é considerado apenas como um dos instrumentos necessários para se alcançar à meta mais ampla que é a “formação” do Homem Integral.

Steiner divide o desenvolvimento da criança em etapas de 7 anos, denominadas setênios. O primeiro setênio abrange dos 0 aos 7 anos, quando se desenvolve o físico; o segundo setênio vai dos 7 aos 14 anos, período no qual a pessoa liberta-se da vida basicamente corpórea e desenvolve o sentir; e, por último, no terceiro setênio, que compreende dos 14 aos 21 anos, se desenvolve o raciocínio lógico e autônomo.

No primeiro setênio, a criança procura conhecer o que está ao seu redor através da percepção de múltiplos materiais, do comportamento do outro, de uma intensa atividade corporal. Neste momento, um dos objetivos principais da Pedagogia Waldorf é fazer da escola uma extensão do lar, onde, por meio da imitação, a criança vai interiorizar as características do ambiente no qual ela se encontra. Na entrevista realizada na Escola Micael Waldorf a professora da Educação Infantil afirmou que a criança de primeiro setênio é puramente imitação e que, no trabalho em sala de aula, é necessário ter a consciência de que mais vale o comportamento exemplar do educador e sua interação com a criança do que impor, numa atitude autoritária; ao invés de dizer o que deve ser feito, a professora participa das atividades com as crianças, inclusive mergulhando no mundo de fantasia no qual elas vivem, de forma que a criança a

percebe indistintamente em relação aos demais, interagindo todos de forma igualitária, sem hierarquias.

No segundo setênio, é fundamental que a criança aprenda conteúdos que tenham ligação direta com seus sentimentos. É preciso que a criança vivencie o que foi transmitido, pois, caso isso não ocorra, o aprendizado será apenas algo meramente memorizado, sem nenhuma relação com o seu cotidiano e seus interesses pessoais, com uma possível tendência a ser esquecido rapidamente. Ao mesmo tempo,

é nesta fase que se desenvolve o sentir, por meio da beleza e do som da palavra e da frase; da beleza das letras do alfabeto (apresentadas artisticamente) e da beleza da verdade dos números; da beleza do inseto, da árvore, da chuva e da areia. Por amor ao professor, pelo que de belo ele lhe traz do mundo exterior, o aluno esforça-se em fazer bem tudo que lhe é proposto. (RUELLA, 2004)

Este amor existente entre aluno e professor decorre do fato de que, sempre que possível, o professor o acompanha durante os oito anos do ensino fundamental, proporcionando uma autoridade natural, alicerçada e legitimada em uma relação de confiança, sendo, esta, o cerne da Pedagogia Waldorf. Essa intimidade dá liberdade ao aluno, permitindo-o questionar sobre todas as dúvidas que perpassam em sua mente.

Assim sendo, as matérias tradicionais (linguagem, aritmética, geografia) são ministradas por um único professor de classe que só se responsabiliza também por alguma matéria específica (línguas estrangeiras e trabalhos manuais, como pintura, crochê, tricô, bordado, costura, tecelagem, etc.) no caso de haver uma afinidade especial com ela.

No terceiro setênio a cumplicidade entre o professor e o aluno e a maneira como são ministradas as matérias continuam a desenrolar-se como no segundo setênio. Entretanto, o



raciocínio lógico ganha novas dimensões e o adolescente torna-se autônomo nas relações sociais, passando a agir de acordo com critérios éticos e morais. O jovem procura conhecer o porquê dos fenômenos e busca a verdade nas relações com o mundo. Sobre essa fase, Lanz (1979: 54) afirma que

O período que culmina com a maturação de toda a personalidade, aos vinte e um anos, deve trazer para o educador, como tarefa principal, a síntese harmoniosa de todas as qualidades de seu discípulo. Isso significa, de um lado, a harmonização das forças anímicas: do pensar, do sentir e do querer.

Em todos os setênios, a Pedagogia Waldorf utiliza-se do “ensino em épocas”, realizado em períodos que duram, geralmente, de três a quatro semanas, abordando-se um tema principal. O tema principal é trabalhado nas duas primeiras aulas do dia, interligando todas as disciplinas curriculares. No resto do dia, são desenvolvidas as matérias artísticas e artesanais, que também possuem ligação com o tema tratado. Ao término de cada época, um novo tema é contemplado, substituindo o anterior. A vantagem desse método é a integração dos conteúdos em um único tema, no qual a criança passa a concentrar a sua atenção, o que evita a fragmentação das idéias, a memorização e a repetição mecânica, e favorece o real aprendizado.

O fato de o professor passar muito tempo com as crianças, observando-as, cultivando uma relação de amor e respeito para com elas, possibilita identificar quais os seus dons e quais as suas fraquezas. A atuação pedagógica baseia-se nessa observação e, assim, o que falta em uma matéria pode ser compensado em outra. O educador desenvolve atividades com imagens, desenhos, pinturas e elementos rítmicos, proporcionando uma aula dinâmica, suscitando a imaginação e a criatividade, estimulando a motivação e o pensar, o que também contribui para um maior engajamento emocional com os

alunos e beneficia a qualidade do ensino. Os alunos acabam estudando por interesse e com entusiasmo.

E é nesse contexto que se situa uma característica fundamental da Pedagogia Waldorf: a avaliação do processo de ensino-aprendizagem do aluno. As escolas

julgam todos os fatores que permitem avaliar a personalidade do aluno, e que seriam: o trabalho escrito, a aplicação, a forma, a fantasia, a riqueza de pensamentos, a estrutura lógica, o estilo, a ortografia, e, além disso, obviamente, os conhecimentos reais. Mas o julgamento geral sobre o aluno levará em conta o esforço real que fez (ou não fez) para alcançar tal resultado, seu comportamento, seu espírito social. (LANZ, 1979: 95)

A avaliação é, antes de tudo, uma análise qualitativa. O professor de classe mantém uma multiplicidade de anotações sobre os alunos, utilizada para elaborar os boletins anuais que serão entregues aos pais. Estes são relatos extensos com comentários sobre o comportamento e o esforço realizados pelas crianças, que possibilitam o acesso, pelos responsáveis, ao ambiente escolar.

Desse modo, os boletins anuais evidenciam o que o aluno foi capaz de realizar, realçando o que nele háesse modo, os boletins anuais evidenciam o que o aluno foi capaz de realizar, realçando o que nele há de positivo, sem compará-lo com modelos abstratos de “como deveria ser”, e sim, enfatizando o esforço de acordo com a potencialidade de cada indivíduo. Apenas são atribuídas notas quando exigido pelas autoridades de ensino e mantém-se o sigilo delas até que o aluno saia da escola, quando são entregues aos pais.

Havendo a constatação, por parte do professor Waldorf, de que um dos alunos obteve um resultado desolador, este procurará ajudá-lo, buscando, sempre, esforçar-se árdua e di-



dativamente para assegurar a sua melhor compreensão. Caso esta ajuda não seja suficiente, o educador solicita a ajuda de outros colegas ou medidas adequadas, como terapia pelas artes, por exemplo. A Pedagogia de Rudolf Steiner evita a repetência como solução, excetuam-se apenas os casos em que o aluno tenha dificuldade em todos os âmbitos de seu conhecimento (intelectual, psíquico e físico) e que haja um consenso dessa situação entre todos os professores.

Não é muito difícil constatar que a Pedagogia Waldorf em todos os seus aspectos e, principalmente, no que se refere à avaliação educacional, considera a essência do ser humano, pois leva em conta que nem todos têm o mesmo ritmo de aprendizagem. Não atribui notas que possam quantificar e/ou classificar o quanto um aluno pode ser bom ou ruim, não despreza a sua individualidade e a sua real potencialidade, excluindo aqueles que não conseguem acompanhar o que o professor trabalha com o grupo.

Concluimos lembrando que o Art. 31 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB determina que “Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”. Tal concepção de avaliação está presente de forma exemplar na Pedagogia Waldorf, extrapolando esta etapa da Educação Básica e estendendo-se ao Ensino Fundamental, durante o qual há a preocupação de desenvolver a capacidade de aprender e a compreensão do ambiente natural e social, fortalecendo os “vínculos familiares, os laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social” (AGUIAR; MARTINS, 2003: 87).

### Referências Bibliográficas

AGUIAR, Ubiratan; MARTINS, Ricardo. **LDB: memória e comentários**. 2ª ed. Fortaleza: Livro Técnico, 2003.

LANZ, Rudolf. A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano. São Paulo: Summus, 1979.

MATOS, Elvis de Azevedo. O artista, o educador, a arte e a educação: um mergulho nas águas da Pedagogia Waldorf em busca de um sentido poético para a formação docente, ou artifícios às artimanhas. 2002. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade da Educação da Universidade Federal do Ceará – Fortaleza, 2002.

MIZOGUCHI, Shigueyo M. Rudolf Steiner e a Pedagogia Waldorf. Viver mente e cérebro – Memória da Pedagogia. São Paulo: Ed 6 – Abril 2006.

\_\_\_\_\_. O movimento das escolas Waldorf no Brasil e no mundo. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/fewb/>>. Acesso em: 27 set 2006.

PEREIRA, Luísa. Aprender a ser – a Escola sem Medo? Uma abordagem da Pedagogia de Rudolf Steiner. São Paulo, 1999. Disponível em: <[http://www.biosofia.net/biosofia1/bio1\\_99\\_aprender\\_ser.asp](http://www.biosofia.net/biosofia1/bio1_99_aprender_ser.asp)>. Acesso em: 27 set 2006.

SALLES, Ruth. A Pedagogia Waldorf: o maior movimento educacional independente do mundo. São Paulo, SP. Disponível em: <http://www.artesocial.org.br/pedagogia%5Fwaldorf/conceitos/detalhe.asp?nt=264147>. Acesso em: 26 set 2006.